

*Nach ponedielnik*, nº 30, 1923, p. 3

### **Teatro Judaico. *Silva*. *A mensh zol men zein*.**

L. S. Vygótski

A montagem de *Silva*<sup>1</sup> é ótima no que se refere à montagem cênica. O primeiro ato (teatro-cabaré, com palco e camarote) fez uso de um pequeno espaço cênico com rara inteligência para nosso palco, sem um amontoado absurdo. No estilo de opereta, ela é impecável (embora pobre) até para um palco grande. Quanto à atuação, toda aquela bobagem lírica, aquelas futilidades de dança, os vocais, na maior parte, também eram inúteis, os detalhes cômicos, tudo isso não recebeu aquele brilho do gracejo, do desembaraço, do divertimento, da elegância, que justificam o inútil e o fútil. A bobagem era um tanto pesada; pesava sobre todos. *Silva* foi muito judeificado: de repente notas e entonações, típicas das canções e da fala judaicas, do cotidiano e da sinagoga. Quase não existe entre nós esse estilo abstrato de fala, que não faz saltar aos olhos as cores nacionais e que exige em qualquer palco um repertório não cotidiano, em geral, e estrangeiro, em particular.

Já *A mensh zol men zein*<sup>2</sup> é uma pseudocomédia, um pseudomusical judaico disparatado. Aqui se brinca com mais desenvoltura e vida com o tema da fidalguia e da nobreza humana – e novamente os inevitáveis Grodno e América, somente em seus aspectos cômicos. Contudo, o material lírico da dança e das canções cotidianas judaicas também não foi utilizado em toda sua extensão. Em tais obras são ruins, em geral, tanto os motivos sérios quanto as cenas: é preciso

---

<sup>1</sup> A opereta em três atos *Die Csárdásfürstin* (1915), do compositor húngaro Emmerich Kalman (1882-1953), ficou conhecida como *Silva* na União Soviética, onde foi bastante popular e rendeu versões cinematográficas, como a de 1981, de Yan Frid (Iákov Borukhóvitch Fridland).

<sup>2</sup> Opereta de Arnold Perlmutter (1859-1953) e Herman Wohl (1877-1936) com libreto de Anshel Schorr (1871-1942). O título em ídiche significa “É preciso ser homem”.

encontrar para eles o tom e o estilo especial que os justifique no mar de disparates, mas eles são realizados entre nós de maneira simples como no drama, só que mais pálidos, com atuação insuficiente, sem o tom completo – como num ensaio.

Lilina (Dina e Silva) mostrou uma voz agradável nas canções e nas falas, a força necessária do lirismo no sofrimento e no amor de opereta, e uma lentidão, mesmice e seriedade excessivos para uma opereta.

Rosental (Boni e Berele) é um bom tolo de opereta com improviso – desembaraçado, embora um pouco atrevido, esperto e espirituoso, mas aparentemente em uma só nota.

Merenzon (Kvatch) é melhor em operetas do que no drama; tocou com verdadeira comicidade a corda cotidiana do seu papel. Klebanova (Zelde) é uma boa atriz do cotidiano que não faz a transferência necessária dos trilhos do drama para os trilhos da opereta.